

Trajória e Desafios das Mulheres Pesquisadoras da Escola de Comunicação na Universidade Católica de Pernambuco¹

Ana Carolina dos Santos Oliveira BOTELHO²
Maria Carolina Maia MONTEIRO³

Universidade Católica de Pernambuco

Resumo

Este estudo investiga as barreiras à progressão na carreira de pesquisadoras e professoras da Escola de Comunicação na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em um contexto de persistentes desigualdades de gênero que afetam a formação acadêmica e o reconhecimento das contribuições das mulheres na ciência. Esta pesquisa inclui um levantamento de dados e entrevistas qualitativas sobre a equidade de gênero na Unicap, com o objetivo de influenciar políticas institucionais que promovam a diversidade na ciência.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero; Mulheres; Pesquisadoras; Ciência.

Corpo do trabalho

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as barreiras de acesso à progressão da carreira de pesquisadoras e professoras da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), considerando que as notórias desigualdades de gênero no Brasil e no mundo afetam também a formação acadêmica e o reconhecimento de uma quase invisibilizada e por muito tempo apagada participação das mulheres no desenvolvimento da ciência. A presença do sexo feminino no campo científico é um processo que traz inquietações em um sistema de dominação masculina. Pensamentos como o do filósofo Immanuel Kant, de que “qualquer pessoa envolvida em atividade intelectual séria deveria ter barba” (Schiebinger, 2008, p.138), trouxeram como consequências o distanciamento das mulheres das atividades de construção do conhecimento científico.

¹Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania – da Intercom Júnior - XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UNICAP, e-mail: abotelho0921@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Diretora da Escola de Comunicação da UNICAP, e-mail: carolina.monteiro@unicap.br

Estudos feitos pela pesquisadora Márcia Gorett Ribeiro em 2016, mostram que apenas 117 membros da Academia Brasileira de Ciências são mulheres, enquanto 779 são homens. Para Fanny Tabak (2002), a exclusão das mulheres na ciência se deve a todas as barreiras culturais, construídas ao longo da História. Segundo a autora, a própria instituição científico-tecnológica ocidental é profundamente sexista ao ser construída sob valores de dominação e controle tipicamente masculinos.

Até meados da década de 1980, com as revoluções feministas no Brasil, havia pouco espaço para as mulheres que tinham interesses científicos. Sem acesso, existiam raras exceções para aquelas que desejavam ser cientistas e possuíam uma posição familiar privilegiada: esposas ou filhas de algum homem da ciência, podendo se dedicar apenas aos trabalhos de apoio, como cuidar das coleções, limpar vidrarias, ilustrar e/ou traduzir os experimentos e textos (Leta, 2003, p. 271).

Desde a Antiguidade, assim como em todos os períodos históricos, cientistas como Hipátia de Alexandria (310-415), Madame de Châtelet (1706-1749), Maria Gaetana Agnesi (1718-1799), Sophie Germain (1776-1831), Mary Fairfax (1780-1872), Bertha Lutz (1894-1976), Marie Curie (1867-1934), entre outras mentes brilhantes foram escanteadas e viveram quase sempre à sombra dos homens, tendo as suas capacidades muitas vezes postas em dúvida e inquietando a academia. A dominação masculina, a naturalização da inferioridade feminina, a divisão trabalhista por gênero, argumentos naturalistas e androcêntricos são alguns dos muitos pressupostos machistas que inviabilizaram por séculos a mulher no ramo acadêmico científico.

Apesar de algumas mudanças de cenário, é importante destacar que, segundo o relatório *Education at Glance 2019*, as mulheres brasileiras têm 34% mais probabilidade de se formar no ensino superior que os homens, entretanto, possuem menos chances de alcançar posições de destaque. Esse dado aponta que mudanças que garantam equidade de gênero no mercado de trabalho, incluindo os setores de ciência e tecnologia, ainda não aconteceram de fato no país (Leta, 2003).

Com o objetivo de reverter essa situação e reparar a história sexista na ciência, a Unicap e as universidades Liverpool John Moores University e a Universidade de São Paulo (USP) realizaram, entre setembro de 2021 e setembro de 2022, o projeto **De Liverpool ao Brasil: um consórcio transatlântico de intercâmbio de conhecimento para implementar mudanças políticas e promover as mulheres na ciência**, cujo principal objetivo era incentivar e desenvolver políticas de igualdade de gênero na ciência e tecnologia em instituições de ensino superior e pesquisa do Brasil. A iniciativa ofereceu treinamentos e mentoria para pesquisadoras das instituições nacionais envolvidas, promovendo redes e ligações mais fortes entre mulheres cientistas e instituições científicas do Reino Unido e do Brasil, almejando influenciar políticas institucionais que promovem o acesso e a diversidade na ciência, inspiradas nos modelos do Reino Unido.

Um dos desdobramentos desta parceria é a pesquisa a qual este relatório final está vinculado, que inclui um levantamento de dados sobre equidade de gênero na Unicap, realizado pelas pesquisadoras profissionais envolvidas, e uma etapa qualitativa de entrevistas, realizadas por estudantes vinculadas a este Programa de Iniciação Científica (Pibic). Na etapa realizada anteriormente dentro do intercâmbio mencionado, sobre a realidade da Unicap, foram levantados dados já apresentados no relatório parcial enviado no final do semestre de 2022.2.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia realizada nos semestres de 2022.2 e 2023.1 teve início com uma pesquisa bibliográfica em livros de referência para a área e artigos científicos publicados em periódicos Qualis A e B em bases de dados nacionais e estrangeiras para encontrar trabalhos sobre equidade de gênero na ciência. Foram encontrados vinte artigos e partiu-se para a confecção de resumos críticos e analíticos das publicações. Em geral, esta etapa permitiu ampliar a visão social e crítica sobre a situação da mulher na ciência não só no Brasil, como em países subdesenvolvidos e desenvolvidos.

Em seguida, foi realizada a leitura dos dados coletados no projeto **De Liverpool ao Brasil: um consórcio transatlântico de intercâmbio de conhecimento para**

implementar mudanças políticas e promover as mulheres na ciência, que, juntamente com a pesquisa bibliográfica, serviram como base quantitativa para a análise da situação atual da Universidade Católica de Pernambuco. A partir das leituras, foram desenvolvidos resumos e fichamentos críticos do conteúdo, formando um acervo estruturado para auxiliar no processo atual de pesquisa.

No semestre de 2023.1, foi feita a condução de entrevistas semi-estruturadas com três professoras/pesquisadoras das Escolas de Comunicação sobre sua trajetória profissional e percepção sobre as oportunidades e eventuais barreiras à progressão de carreira como pesquisadoras em suas áreas de atuação. A entrevista foi realizada a partir deste roteiro semi-estruturado.

1. Pode contar um pouco da sua trajetória como pesquisadora? Quando e como começou e o que despertou o seu interesse para a pesquisa?
2. Quem são suas referências na pesquisa em sua área?
3. Você percebe alguma diferença nas oportunidades de crescimento na pesquisa entre homens e mulheres na sua área?
4. Na sua opinião, quais são as principais dificuldades que as mulheres encontram na carreira como pesquisadora?
5. Por que algumas áreas são mais difíceis do que outras para as mulheres cientistas?
6. Você, pessoalmente, já enfrentou alguma dificuldade ou preconceito na carreira como pesquisadora por ser mulher? Lembra de algum fato ou episódio em particular?
7. Como você enfrentou a situação?
8. Como você percebe a questão de gênero na pesquisa dentro da sua Escola e na Unicap em geral?
9. A maternidade impactou, de alguma forma, seu desenvolvimento como pesquisadora? Se sim, como?
10. Que sugestões ou ideias você possui para contribuir com o projeto Mulheres na Ciência? Que ações acha que podem ser implementadas na Unicap para aumentar a participação das mulheres na pesquisa e, ao mesmo tempo, garantir oportunidades iguais para homens e mulheres?

Figura 1: Formulário com o roteiro das perguntas as pesquisadoras da Unicap.

Fonte: Projeto De Liverpool ao Brasil: um consórcio transatlântico de intercâmbio de conhecimento para implementar mudanças políticas e promover as mulheres na ciência.

Após aprovação pelo Conselho de Ética da Unicap, as entrevistas foram realizadas de forma individual e anonimizada, algumas presenciais ou outras remotas, a depender da disponibilidade da pesquisadora. Foram realizadas três entrevistas, com os seguintes perfis:

Entrevistada 01: Professora da Escola de Comunicação e pesquisadora há 38 anos. A

entrevista foi realizada na Unicap no dia dois de março de 2023 e durou 19 minutos e 33 segundos.

Entrevistada 02: Professora da Escola de Comunicação e pesquisadora há 20 anos. A entrevista foi realizada na Unicap no dia nove de maio e durou 25 minutos e 46 segundos.

Entrevistada 03: Professora da Escola de Comunicação e pesquisadora há 23 anos. A entrevista foi realizada na Unicap no dia dezessete de maio de 2023 e durou 20 minutos.

Com a finalização das entrevistas, os dados foram transcritos e analisados a partir de uma proposta de metodologia de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) buscando identificar unidades que permitam interpretar as respostas à luz dos pressupostos que orientam este projeto. O processo de transcrição durou seis horas e foi feito manualmente e com auxílio das plataformas escriba e google docs.

A análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdo (verbais ou não-verbais). Quanto à interpretação, a análise de conteúdo transita entre dois polos: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade. É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. Jamais esquecendo, do rigor e da ética, que são fatores essenciais (Freitas, Cunha, & Moscarola, 1997).

Ao final, espera-se que este projeto de pesquisa seja utilizado como base de dados e fomento à uma política interna na Unicap de promoção e busca pela equidade de gênero

na instituição e, também, sirva como inspiração para análises e estudos semelhantes a serem realizados em outras instituições de ensino superior.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como citado anteriormente, ao longo da história, as mulheres têm enfrentado inúmeros desafios e obstáculos em sua trajetória científica, prejudicando a participação e a contribuição plena para o avanço do conhecimento. É inegável que a desigualdade de gênero persiste em muitos campos científicos, fazendo com que as mulheres frequentemente encontrem barreiras ao ingressarem em carreiras acadêmicas. Estereótipos de gênero arraigados, como a crença de que mulheres são menos capazes em áreas de ciência exatas, por exemplo, perpetuam um ambiente que desencoraja ou subestima a participação feminina nessas áreas.

De acordo com a autora Fabiane Ferreira Silva (2014, p.10), “As mulheres cientistas sofrem pressões específicas para abrir mão de quaisquer valores tradicionais que possam ter absorvido enquanto mulheres – se não por outra razão, simplesmente para provar sua legitimidade como cientistas”. A necessidade corriqueira de provar ao outro a capacidade intelectual e de liderança é um desafio que apenas a mulher enfrenta. O pensamento da autora encontra respaldo na fala da **entrevistada 02**, para quem esta é uma das maiores dificuldades na carreira como pesquisadora, além da falta de oportunidades pela descrença da possibilidade de entrega e trabalho, ausência de patrocínios para o desenvolvimento de pesquisas e a sexualização no ambiente acadêmico.

Para Fanny Tabak (2002), a exclusão das mulheres na ciência se deve a todas essas barreiras culturais, construídas ao longo da História da humanidade. Por isso, em sua opinião, é preciso hoje motivar a integração das mulheres na ciência. Segundo a autora, a própria instituição científico-tecnológica ocidental é profundamente sexista ao ser construída sob valores de dominação e controle tipicamente masculinos.

Outro aspecto importante a ser considerado é a escassez de modelos femininos na ciência. A ausência de referências femininas bem sucedidas nesse campo pode impactar negativamente a autoconfiança e a ambição de cientistas mulheres. A falta de representatividade dá a impressão de que o sucesso na ciência é exclusivo aos homens.

Ao perguntar para as entrevistadas quais são as suas principais referências acadêmicas, as **entrevistadas 01 e 02**, por exemplo, citaram mais teóricos homens do que mulheres.

Além disso, a maternidade muitas vezes é vista como um empecilho para o progresso na carreira científica. A falta de tempo para conciliar o puerpério e o trabalho pode levar a interrupções na carreira das mulheres, dificultando seu desenvolvimento profissional e, por vezes, levando-as a abandonar suas ambições científicas. Três das cinco entrevistadas passaram por isso em suas trajetórias e as outras duas também afirmaram que o peso da família cai sobre a mulher e dificulta o rendimento como pesquisadora. “Existe uma falta de compreensão em relação à dedicação materna. Nesse período a nossa produção vai cair, não temos condições de estar cuidando de uma vida recém parida e continuar com o mesmo volume de produções.” (**entrevistada 03**)

ANÁLISE

A partir de entrevistas qualitativas com as pesquisadoras, foi possível analisar os desafios individuais de cada uma e perceber semelhanças e diferenças entre as trajetórias delas . Para preservar as identidades, seus nomes estão em anonimato e suas respostas foram resumidas nas tabelas a seguir para análise.

TABELA 01

Pergunta:	QUEM SÃO SUAS REFERÊNCIAS NA PESQUISA EM SUA ÁREA?
Entrevistada 1	Salete Tauk, Luiz Beltrão, Roberto Benjamin, José Marques de Melo e Alexandre Figueirôa
Entrevistada 2	Paulo Freire, Ismar de Oliveira, Marcelo Débora, Valcir Zucoluto, Nair Prata, Eduardo Medite, Luiz Arthur Ferraretto, Henri Jenkins, André Lemos, Pierre Levi, Line Lucena, Ana Veloso, Patrícia Paixão e Natálie Queiróz
Entrevistada 3	Aline Grego, Salete Tauk, Carolina Monteiro, Ramon Salavarría, Lília González, Djamila Ribeiro e Márcia Guerra

TABELA 02

Pergunta:	VOCÊ PERCEBE ALGUMA DIFERENÇA NAS OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO NA PESQUISA ENTRE HOMENS E MULHERES?
Entrevistada 1	SIM
Entrevistada 2	SIM
Entrevistada 3	SIM

TABELA 03

Pergunta:	QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE AS MULHERES ENCONTRAM NA CARREIRA COMO PESQUISADORA?
Entrevistada 1	Descrença na nossa possibilidade de entrega e de liderança, falta de oportunidades por motivo de descrença no trabalho, ausência de patrocínio para desenvolvimento da pesquisa e sexualização.
Entrevistada 2	Conciliar diversas funções mais a pesquisa.
Entrevistada 3	Encontrar outras mulheres que “lhe puxem”, editais feitos por homens, o machismo estrutural e a maternidade.

TABELA 04

Pergunta:	POR QUE ALGUMAS ÁREAS SÃO MAIS DIFÍCEIS QUE OUTRAS PARA AS MULHERES CIENTISTAS?
Entrevistada 1	Por falta de incentivo desde do ensino fundamental. Não incentivam as meninas a serem cientistas. Além da multiplicidade de coisas que a mulher precisa fazer.
Entrevistada 2	Por causa do machismo estrutural e institucional. O machismo nos exclui.
Entrevistada 3	A sociedade e a academia refletem a ideia de que algumas áreas serão mais beneficiadas se tiverem homens atuando, não mulheres.

TABELA 05

Pergunta:	VOCÊ JÁ ENFRENTOU ALGUMA DIFICULDADE OU PRECONCEITO NA CARREIRA COMO PESQUISADORA POR SER MULHER?
Entrevistada 1	NÃO
Entrevistada 2	NÃO
Entrevistada 3	SIM

TABELA 06

Pergunta:	COMO VOCÊ PERCEBE A QUESTÃO DE GÊNERO NA PESQUISA DENTRO DA SUA ESCOLA E NA UNICAP?
Entrevistada 1	Hoje eu acho que ela está bem mais equilibrada. Eu acho que tenhamos um número de pesquisadoras maior do que de

	pesquisadores. São passos que ainda estão sendo dados, que ainda estão sendo construídos.
Entrevistada 2	As pesquisas de gênero ainda são incipientes, eu acho. Eu acho que a gente ainda não estuda gênero de uma forma mais honesta com a sociedade que a gente vive hoje
Entrevistada 3	Eu acho que hoje a gente tá muito preocupado e muito voltado, muito mais do que há dez anos atrás em relação a gênero, à raça, à classe social também. Então eu percebo que existe uma preocupação nesse sentido dentro da escola de comunicação

TABELA 07

Pergunta:	A MATERNIDADE IMPACTOU O SEU DESENVOLVIMENTO COMO PESQUISADORA?
Entrevistada 1	Não tenho filhos, mas já criei crianças e sei o quão difícil é
Entrevistada 2	Na verdade a maternidade na minha opinião ela impacta a gente enquanto existência
Entrevistada 3	Sim! Há uma cobrança em relação a você assumir a maternidade como se ela fosse só responsabilidade sua. Isso impacta muito naquilo que a gente faz.

TABELA 08

Pergunta:	QUE SUGESTÕES OU IDEIAS VOCÊ POSSUI PARA CONTRIBUIR COM O PROJETO MULHERES NA CIÊNCIA? QUE AÇÕES ACHA QUE PODEM SER IMPLEMENTADAS NA UNICAP PARA AUMENTAR A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA PESQUISA E, AO MESMO TEMPO,
------------------	---

	GARANTIR OPORTUNIDADES IGUAIS PARA HOMENS E MULHERES?
Entrevistada 1	Com incentivo na educação, nos projetos de extensão, nas escolas e na graduação
Entrevistada 2	Formação pra essas professoras para desenvolver uma pesquisa, trabalhar questões de metodologia, pensar em editais que contemplem as mulheres na ciência, pensar em editais de gênero, sexualidade, de mercado de trabalho e outros temas que atravessam as mulheres e principalmente oportunizar a o ingresso dessas mulheres
Entrevistada 3	Criação de editais específicos para mulheres não só na universidade mas de uma forma geral. você ter editais específicos para mulheres de fomento a pesquisa, você ter bolsas para pesquisadoras e criação de grupos de pesquisa que trabalhem com gênero e com relação com classe social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou a trajetória das mulheres na ciência na Unicap, evidenciando os inúmeros desafios e obstáculos que permeiam seus percursos acadêmicos. Ao longo da história, as mulheres enfrentaram e ainda enfrentam uma série de barreiras culturais, estereótipos de gênero arraigados e desigualdades que prejudicam sua plena contribuição para o avanço do conhecimento em diversas áreas científicas.

Uma das principais questões observadas foi a persistência da desigualdade de gênero em muitos campos científicos, o que dificulta a inserção e ascensão das mulheres em carreiras acadêmicas. Estereótipos que perpetuam a crença de que mulheres são menos capazes que os homens contribuem para um ambiente desencorajador e que subestimam a participação feminina na academia. A necessidade constante enfrentada pelas mulheres cientistas de provar sua capacidade intelectual e de liderança, uma pressão que não é vivenciada de forma equivalente pelos homens. A falta de oportunidades, descrença em

suas habilidades e a sexualização no ambiente acadêmico também foram identificadas como fatores que afetam negativamente a carreira das mulheres pesquisadoras.

A maternidade também emergiu como um fator que influencia a carreira das mulheres na ciência. A conciliação entre o puerpério e o trabalho muitas vezes é vista como um empecilho para o progresso profissional, levando a interrupções e dificultando o desenvolvimento científico. A falta de compreensão em relação à dedicação materna e as expectativas sociais que recaem sobre as mulheres nesse aspecto são desafios adicionais enfrentados pelas cientistas.

Diante de tais constatações, é crucial que haja a promoção da integração e representatividade das mulheres na ciência. Instituições como a Unicap e a sociedade em geral precisam combater estereótipos de gênero, valorizar e incentivar a participação feminina em todas as áreas da ciência. Além disso, políticas e programas que busquem a equidade de gênero no ambiente acadêmico são fundamentais para superar as barreiras culturais existentes. Ademais, é imperativo que a maternidade não seja vista como um obstáculo, mas sim que haja suporte e medidas que permitam a conciliação da vida familiar com a carreira científica.

A pesquisa trouxe à tona uma realidade que requer ações concretas para a promoção da igualdade de gênero na ciência. A superação dos desafios enfrentados pelas mulheres cientistas é fundamental não apenas para garantir a representatividade no campo do conhecimento, mas também para enriquecer a ciência com perspectivas diversas e inovadoras. O futuro do avanço científico depende de um ambiente inclusivo e igualitário, no qual o talento e potencial de todas as pessoas sejam reconhecidos e valorizados, independentemente de seu gênero.

3.7 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CONCEIÇÃO, Josefa Martins e col, **Mulheres na ciência: as cientistas das academias pernambucanas**, 2019, Brazilian Journal of Education, Technology and Society (BRAJETS)

CUNHA, Marcia Borin e col **As mulheres na ciência: o interesse das estudantes brasileiras pela carreira científica**, 2014, Universidad Nacional Autónoma de México

FREITAS, H. M. R.; Cunha, M. V. M., JR., & Moscarola, J. **Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo**. Revista de Administração da USP, 32(3), 97-109, 1997.

KELLER, Evelyn Fix, **Qual foi o impacto do feminismo na ciência?**, 2006, Universidade Estadual de Campinas, PAGU

LETA, Jacqueline, **Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior**, 2014, Revista feminismos Rio de Janeiro RJ

LETA, Jaqueline, **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso**, 2003, Rio de Janeiro RJ

SILVA, Fabiane Ferreira e col. **Trajatórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher**, 2014, Ciênc. Educ. Bauru, v20,n2.